Betty Bernardo Fuks

Adeus a Jacques Derrida

O presente artigo é uma homenagem a Jacques Derrida, falecido no mês de outubro de 2004 em Paris. A partir do comovente discurso — "Adieu" — pronunciado pelo filósofo durante a cerimônia fúnebre de seu amigo e mentor intelectual, Emmanuel Lévinas, em 1995 no cemitério de Pantin, procura-se perscrutar as afinidades entre estes dois grandes expoentes da filosofia contemporânea, e refletir sobre a riqueza e importância das contribuições de Derrida para o campo psicanalítico.

> Palavras-chave: A-deus, santo, retidão, mal de arquivo, pulsão de morte

This article is in homage to the philosopher Jacques Derrida, who died in October 2004, based on the moving speech entitled "Adieu," given by Derrida himself at the funeral of his friend and intellectual mentor Emmanuel Lévinas, in 1995, at the Cemetery of Pantin. The affinities between these two great exponents of contemporary philosophy are examined here and the importance of Derrida's contributions to the field of psychoanalysis is discussed.

> ***Key words**: "A-dieu", saint, dignity, archive disease, death drive*

Para Chaim Katz,
em cujo coração brilham muitos pensamentos

Chegara o momento do enterro de Emmanuel Lévinas. Jacques Derrida, com a voz embargada e olhar marejado de lágrimas, presta homenagem ao grande pensador de quem se tornara discípulo, admirador e amigo. Admiração e amizade profundas e silenciosas, como todos os grandes sentimentos destinados a durar a vida inteira e a trans-

cender a morte. A culpa de permanecer vivo, uma culpabilidade sem falta ou dívida, situada para além da facticidade da morte, se transforma em "responsabilidade confiada". Sim, uma responsabilidade herdada em responder por; "de assumir por um outro, no lugar, em nome de um outro ou em seu nome como outro, frente a um outro, e um outro do outro, a saber, o inegável mesmo da ética" (Derrida, 1995, p. 18).

O pensamento de Lévinas é o fio condutor do discurso enunciado como sendo uma resposta à "questão-oração", o adeus frente à morte. Derrida iniciava seu doloroso trabalho de luto, impedindo-se de desviar sua fala daquilo que para o filósofo da outridade era lei — o apelo ao outro —, a única resistência possível à absorção do Outro pelo Mesmo. O dizer adeus ao amigo que fez ressoar dentro da filosofia ocidental a especificidade da ética — a relação com o outro —, deu origem ao livro *Adieu à Emmanuel Lévinas.* Ao longo do texto a ambigüidade da palavra adeus — *adieu* — revela pelo menos três sentidos: 1. saudação no encontro (Olá, Te vejo); 2. saudação de separação ou de morte; 3. o *a-deus*, a saudação do para Deus, ou o diante de Deus para além do ser, antes de tudo e em toda relação ao outro, em todo outro adeus. Neste sentido, toda a relação com o outro seria, antes e depois de tudo, um *a-Deus* (Haddock Lobo, 2002, p. 118). Para-além ou para-aquém da existência de Deus, "... fora de sua provável improbabilidade, até no ateísmo mais vigilante senão o mais desesperado" (Derrida, 2004, p. 124), o dizer a-deus significa acolher o outro em sua alteridade.

Para avançar no entendimento desta proposição, é preciso lembrar a leitura levinasiana do termo hebraico aplicado a Deus, *Kadosh*, que se traduz por santo. O filósofo demonstrou, ao longo de sua obra, a distinção necessária de se fazer entre a sacralidade e a santidade para pensar o Outro. Etmologicamente, a palavra *kadosh* significa separado, de maneira que *Kadosh* significa, indistintamente, o santo, o separado. O santo designa algo infinitamente separado de tudo o que é comum, de tal forma que a inscrição do nome de Deus seria a inscrição originária da diferença. Essa inscrição não é o limite daquilo que se conhece, mas, ao contrário, é o pressuposto para pensar o impossível, o indizível, o impensável.

Mas a palavra *kadosh* é também atribuída ao homem, aos que foram feitos, segundo a narrativa bíblica (*Gênesis*, 1: 26-27), à imagem e semelhança de um Deus que não admite imagem. Essa antinomia — identificação à ausência de imagem — estabelece que o homem, sendo santo e separado, é também irredutível a qualquer representação fixa e imutável (*Levítico*, 19: 2). Há sempre algo que escapa a seu próprio espelho, a epifania do rosto, o que está para além do idêntico e que não se transforma em conteúdo. O rosto do outro resiste a qualquer dominação, impondo ao sujeito a responsabilidade de seguir a significação do rastro, *la trace*, que aparece junto à própria epifania. Aqui não se trata de um desvelamento ontológico: a tarefa de rastrear implica um desordenamento irreversível, no qual o para além do eu, de onde o rosto do outro provém, aparece no rastro do absolutamente ausente. A

alteridade, o absolutamente outro, exige a vocação de acolher o inesperado, o de fora, o estrangeiro, aquele que traz estampado no rosto a desordem da temporalidade, a transcendência.

Feito esse esclarecimento, voltemos à despedida de Derrida, ao momento em que se aproxima do morto, despido de defesas. Com a simplicidade das palavras nuas, inermes como a sua dor, ele expressa o desejo de dizer adeus ao amigo, chamá-lo por seu nome e sobrenome, falar diretamente ao outro com *retidão*, antes mesmo de falar dele e de lembrar, a todos os presentes, o que Lévinas havia ensinado sobre a palavra "à-*Dieu*". *Retidão*. Em *Quatro lições talmúdicas,* o filósofo traduz o sentido deste termo como aquilo que "nomeia o que é mais forte do que a morte" (Lévinas, 1968, p. 105). Trata-se de uma alusão ao único herói bíblico capaz de suportar a violência do encontro com o Incognoscível. Jacó (*Ya´aqov* em hebraico, cuja raiz — *aqev* — significa calcanhar, o que está em contato com a terra), na noite anterior ao encontro com Esaú, torna-se um outro. Depois de lutar com o Estrangeiro que o atinge na coxa, recebe a bênção divina, por ter prevalecido sobre Deus e os homens, e ganha um novo nome: Israel (cuja raiz, yacharel, significa endereçar-se com retidão, diretamente à-Deus, para Deus) (*Gênesis*, 32: 25-30). Um comentário talmúdico diz que neste momento acontece uma passagem: Jacó/Israel, desenraizado, sem os pés na terra, se endereça ao que está para além do ser: a inquietude do desconhecido. A "retidão" de Jacó, ao receber o nome Israel nomeia a "urgência de uma destinação levando ao outro e não um eterno retorno a si" (Lévinas, 1968, p. 79). Para Lévinas, esta passagem bíblica é signo de uma "identidade" situada mais além do idêntico, traduz-se como movimento de retidão absoluta para o Outro, e delineia-se numa configuração ética que implica, necessariamente, a relação com Outrem.

Mas quem é Outrem? A resposta encontramos em Blanchot, com quem Lévinas manteve a cumplicidade exemplar de pensamento. Ao reencontrar Esaú, Jacó diz ao irmão gêmeo:

> Eu vi seu rosto como se vê o rosto de Deus. "O que há de notável nesta frase", diz Blanchot, "é que Jacó não diz a Esaú 'Eu acabo de ver Deus como te vejo', mas 'Eu te vejo como se vê Deus'. Isso confirma a maravilha da presença humana, esta Presença Outra que é Outrem, não menos inacessível, separado e distante que o próprio Invisível, o que confirma igualmente o que há de terrível nesse encontro cujo resultado só pode ser o reconhecimento ou a morte. Quem vê Deus corre perigo de morrer. Quem encontra Outrem apenas pode se dirigir a ele pela violência mortal ou pelo dom da palavra em seu acolhimento. (Blanchot, 1986, p. 118)

A arte que permitiu Jacó salvar sua vida, foi a da hospitalidade sem reservas às palavras, a capacidade de falar, chamar e responder e, igualmente, ouvir. Essa recepção, inserida no coração do *Gênesis*, é, em geral, usada como metáfora da transmissão.

A confiança no futuro de uma obra, o acolhimento de sua alteridade irredutível, a *escritura*, exigem do sujeito um movimento paradoxal: fidelidade e traição. Obediência diferida, obediência retrospectiva ao autor. Um re-começar a pensar, a re-descobrir os temas, por meio de leituras incessantes, re-

serva ao leitor o destino de torna-se um traidor. A palavra escrita se propaga como o fogo, alastra significado indefinidamente, para além daquele que originalmente o proferiu. Ler o texto pelo avesso, transgredir o dito para fazer emergir um não-dito, recusar qualquer verdade *a priori*, que possa impedir a produção de pensamentos até subvertê-lo, constituem a garantia da transmissão de uma obra: a presença do Outro — heteronomia privilegiada — não fere a liberdade, mas a investe, foi o que Derrida apreendeu das lições talmúdicas de Lévinas. Sua teoria da desconstrução deve muito, neste aspecto, aos escritos de seu mestre. Desconstruir um texto: ler sem repetir o que já foi dito significa introduzir algo que, sendo inteiramente distinto, rompe com a possibilidade de encontrar qualquer caminho de volta à origem. Trata-se de um trabalho semelhante ao que Freud atribui ao "trabalho do sonho": processo de elaboração onde a atividade de um pensamento sem qualidades não é nem pensar, nem calcular, nem, de um modo geral, julgar, mas unicamente transformar, de modo a garantir a pluralidade de sentidos ao indecifrável.

O que se passa quando um grande pensador se cala para sempre?

Esta questão que animou Derrida a fazer passar, com *retidão*, o pensamento de Lévinas, não poderia deixar de voltar nesse momento em que o mundo diz adeus ao estrategista da desconstrução e ao filósofo da alteridade indecidível. É preciso dizer o *adeus* a Derrida, dirigirmo-nos diretamente ao outro, escutá-lo, reler sua escritura, fazendo-a falar de novo pois, "a morte de alguém não é, apesar de tudo, o que poderia parecer à primeira vista um fato empírico cuja universalidade apenas a indução poderia sugerir; ela não se esgota nesse aparecer" (Lévinas, *in* Derrida, 2004, p. 22). Isto realça a obrigação de incorporar a herança derridiana, mantê-la viva, e convoca à responsabilidade de todos em responder por ela. Esta tarefa me remete, de imediato, a dois textos magistrais de Derrida, que testemunham a relação forte e criativa que ele estabeleceu com a escritura freudiana.

Em "Freud e a cena da escritura", o filósofo (1971) serviu-se da psicanálise para pensar de que forma surge o simbólico, de que forma o não-simbólico desemboca no simbólico. No modelo das máquinas e aparelhos freudianos, o inconsciente é uma escritura que se tece de diferenças, de trilhamentos, e envia, delega representantes e mandatários compreendidos apenas *a posteriori*. A escritura é a possibilidade de instituir, de inscrever. A palavra analítica, o ato do sujeito falar para um outro que o reenvia ao eco de sua própria voz, é um trabalho da escritura psíquica. Por isso, segundo o filósofo, Freud teria representado o conteúdo psíquico por um texto de essência irredutivelmente gráfica: a estrutura do aparelho psíquico é como uma máquina de escrever, o que se lê de uma arquiescritura, a *inscrição marca-da-diferença*. A arquiescritura sinaliza a condição da possibilidade da própria significação enquanto torna-se signo do traço. Em resumo, para Derrida, que se alinha ao Freud preocupado com o enraizamento do não-simbólico, a repetição está desde o início, mas não é nunca repetição do mes-

mo. Na origem, apenas ausência, vazio.

Em *Mal de arquivo* (2001), Derrida dedicou-se a pensar a relação da repetição diferencial com o conceito de arquivo — aquilo que se distingue da noção de experiência da memória, da idéia de retorno à origem e do sentido de arcaico. O conceito de arquivo fala de algo que está para além de ressuscitar o acontecimento: abriga na memória o nome grego de *arkhê* que designa, ao mesmo tempo, "começo" e "autoridade". *Arkhê* coordena dois princípios em um: o princípio da natureza ou da história, lá onde as coisas começam — princípio físico, histórico ou ontológico e o princípio nomológico, lugar de onde emana o comando, de onde os *arcontes,* magistrados superiores, aqueles que exerciam a competência hermenêutica de interpretar os arquivos e detinham o poder político de fazer e representar as leis. Na escrita derridiana a *arkhê* grega é o lugar de consignação de uma técnica de repetição que exige a marca da exterioridade. Não há arquivo sem exterior.

Deixemos Derrida falar:

> ... a perturbação de arquivo deriva do mal de arquivo. Estamos com mal de arquivo. Escutando o idioma francês e nele, o atributo "em mal de", estar com mal de arquivo, pode significar outra coisa que não sofrer de um mal. É arder de paixão. É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente, procurar o arquivo onde ele se esconde. (Derrida, 2001, p. 118)

Portanto, o *mal de arquivo*, o desejo de lembrar a origem e decifrar o comando, é efeito da falta originária e estrutural da memória e da impossibilidade de inscrever aquilo que escapa da identidade, em si mesma, o que não corresponde a uma essência. Conjunto de traços, isto é, inscrições possíveis a partir de um não-inscritível, o arquivo exige o espaçamento instituído de um lugar de impressão. Mas não poderia haver arquivo sem mal de arquivo. Freud sofria de mal de arquivo, e, ao se envolver na trama arquivista, terminou desvelando o diabólico — a pulsão de morte. Derrida não hesitou em afirmar que a psicanálise, enquanto discurso heterogêneo, tornou-se uma teoria do arquivo e não somente uma teoria da memória. Tal concepção entra em harmonia com o fato de que a descoberta freudiana introduz uma noção de verdade que passa a ter que ser refeita a cada momento.

Casa de fantasma, todo arquivo é um cemitério por onde se anda entre os túmulos e o céu aberto — o passado e o futuro —, movimentando memórias. *Mal d´archive*. Em francês a expressão "mal de", originalmente se referia a uma mulher que estava sofrendo as dores do parto: "En mal d'enfant". Por analogia, passou a ser utilizada para designar uma tendência irresistível para fazer algo: "En mal d'écrire", estar submetido a um desejo irresistível para escrever. Sofredor deste mal, o escritor insiste em parir pensamentos e idéias, sem que ele próprio saiba de onde vêm. A obra, para Lévinas, lembra Derrida na hora do *à-Dieu*, nunca retorna ao autor: pari-la é consentir que nunca mais a terá, pois que "movimento do Mesmo em direção ao Outro que não retorna jamais ao Mesmo" (Lévinas, apud Derrida, 2004, p. 18). O escritor faz com sua obra um trabalho de recalcamento, escrevendo e reescrevendo o texto corrigindo até recalcar "a inspiração, que viera no primeiro jato de

tinta sobre o papel, no primeiro lance de escrita" (Duhá Lose, 2004). Com isso, ele armazena, agrupa, organiza seu espólio, cria seu próprio arquivo, o palco sobre o qual o sujeito pesquisador, ardendo em febre, tomado pela paixão, pulsão arquivista, e compulsão de repetição, lhe diz o *a-deus* que não se reduz a um fim.

Mal de arquivo evoca, ainda que por vias transversas, o *a-deus* de Derrida a Freud. Numa tentativa de escrutar a perturbação dos que sofrem de "mal de arquivo", e caracterizar, em linhas gerais, os arquivos da psicanálise, o filósofo se dirige à obra do historiador de cultura judaica, Yosef H. Yerushalmi, O *Moisés de Freud, judaísmo terminável e interminável* (1991). Duas inscrições, na Bíblia de Freud (a dedicatória de Jakob Freud a seu filho e a data da circuncisão de Freud) destacadas pelo historiador, chamam sua atenção. A temporalidade psicanalítica — *nachträglich* — norteia a atenção de Derrida: "O arquivo sempre foi penhor, e como todo o penhor, um penhor de futuro" (Derrida, 2002, p. 31). Em que se transforma o arquivo quando ele se inscreve diretamente no corpo, através de uma circuncisão em sua letra ou em suas figuras? A cada ato de circuncisão, não há nada que faça um retorno à origem, mas a inauguração de um novo judeu. Ela introduz o indivíduo na ordem coletiva, mas preserva sua relação com o real, com o que não é identificável e, como tal, se faz traço. A circuncisão enquanto arquivo é a espera do futuro, a experiência de uma identidade que só poderá ser declarada e anunciada a partir do que vem do futuro.

O exemplo mais significativo de arquivo enquanto lugar de diferimento temporal, ao qual Derrida se referiu como um porvir "messiânico", encontra-se na segunda inscrição: a amorosa e delicada dedicatória de Jakob. Ela sugere, com sua escrita especial, que a leitura do Texto fora decisiva na forma como o filho apreendia, afetiva e intelectualmente, as urgências de seu tempo; por isso deveria retornar ao "*Livro dos livros*, do qual sábios escavaram e legisladores aprenderam conhecimento e julgamento" (Freud, in Yerushalmi, 1991, p. 111). Mas não foi apenas o pai quem reconheceu os traços da Escritura no pensamento do escritor de *A interpretação dos sonhos*. O próprio Freud (1925/1976) chega a confessar o quanto foi importante para sua formação ter sido introduzido na leitura da Bíblia, quase ao mesmo tempo em que aprendera a ler. Junto as teorias de Darwin, os escritos de Goethe e o pensamento de Ernst Brücke, a Bíblia constitui um dos arquivos da psicanálise.

Em 1934, enquanto os nazistas queimavam seus livros nas fogueiras de Berlim, Freud começava a escrever seu romance histórico. A tese de Yerushalmi, em base a um termo técnico da própria psicanálise, sustenta que a escrita do "Moisés" é e se constitui num exemplo de *obediência diferida* ao pai. Freud havia retornado à Escritura, conforme o desejo do pai explícito na dedicatória, mas graças a um trabalho de leitura singular, ele pôde fazer valer sobre um dito, a verdade material, não-dito, o conceito de verdade histórica. A história do conceito de *nachträgliche Gehorsam*, "obediência à posteriori", remonta ao texto de Totem e tabu,

onde Freud fez observar que o pai morto torna-se mais forte, devido a uma situação psíquica que nos é familiar em psicanálise, a obediência retrospectiva. Para Derrida, este conceito é uma das chaves que faz do livro de Yerushalmi um livro de arquivo sobre o valor nomológico do arquivo, a lei do pai morto.

A colocação em prática da *arckê*, enquanto operador textual e do conceito freudiano de obediência diferida, atinge seu clímax na análise do monólogo que Yerushalmi estabeleceu com Freud, ou melhor, na fala direta do historiador a um fantasma que não responde, mas que fala nele, diante dele. O monólogo, um gesto acolhedor de receber o traço do outro, é o lugar por onde se corre "o risco, sempre inquietante, estranhamente inquietante, inquietante como o estrangeiro (umheimlich), da hospitalidade oferecida ao hóspede como *ghost* ou *Geist* ou Gast" (Derrida, 2004, p. 131). A hospitalidade tem essa implicação de espectralidade que excede ao nada e desconstrói as oposições ontológicas entre ser e nada, a vida e a morte. Neste sentido, o monólogo, afirma Derrida, absorve todo o resto do livro de Yerushalmi: para além do sentido filial com que se dirige à obra do patriarca da psicanálise, o historiador preserva sua independência. Subjetivamente engajado num processo de criação original, cuja força rompe com o saber preestabelecido, sofrendo de forma extrema do mal de arquivo, o historiador ultrapassa a si mesmo e interrompe seu trabalho de arquivista — a pesquisa da vida e da obra de Freud — para atravessar o lugar onde o pai da psicanálise colocou alguns de seus silêncios. Entre os rastros dos apagamentos freudianos e os ecos de seus próprios fantasmas, Yerushalmi constrói uma ficção — "Monólogo com Freud" —, escrita numa linguagem que produz efeitos de sentido que não podem ser circunscritos e controlados. Com isso, institui novos registros, traços de outras memórias, deixando ao leitor a tarefa de refletir sobre o dado e o significado, o dito e o desdito, e assim acolher o outro.

O mal de arquivo, já foi dito acima, é a paixão da procura do arquivo onde ele se esconde. Convoquemos outra das *Quatro lições talmúdicas,* para prestar socorro à tarefa de dar a-deus à Derrida, no ponto em que Lévinas evoca o brilho das letras do *Cântico dos cânticos.* Diz o filósofo que o *Cântico* comporta uma interpretação mística — o que não quer dizer uma mistificação —, embora se trate, aos olhos de qualquer um, de um texto erótico. Como pode o erótico habitar a Escritura? A voz interpretativa que permitiu a legitimação do texto, designou-o como um hino de amor entre o Deus da intolerável ausência e seu povo. Esta leitura carregada de implicação ética, se baseia na própria estrutura do poema onde a tensão absoluta do amor do sujeito pelo Outro tem sua vazão no paradoxo de um encontro que é, já em si mesmo, separação. "Abro ao meu amado mas/meu amado se foi/ Procuro-o e não me responde./ Filhas de Jerusalém, eu vos conjuro,/ Se encontrardes o meu amado, que lhes direis?.../ Dizei que estou doente de amor!" (*Cântico dos cânticos*, 5: 5, 6, 8). Esse mal representado no Cântico como antídoto poderoso contra a morte — "... o amor é

mais forte, é como a morte" (*Cântico dos cânticos*, 8: 6) — toma o sentido da lei da separação — *Kadosh* — da não fusão entre o amado e a amada, a impossibilidade de se fundir dois em um, e assim esgotar a alteridade do outro. O erótico é erigido em lei amorosa que regula a infinita distância que separa o eu do outro. Mas na morte, faz notar Derrida, essa distância vem a nós como herança, como uma responsabilidade de dizer o *para-Deus,* seguir o rastro (*trace*) deixado pelo morto.

É preciso dizer o *a-deus* a Derrida, saudá-lo para-além do ser. E se esta saudação me conduz ao outro, por meio da responsabilidade que tenho por obrigação assumir, então, devo também me inclinar, como ele o fez, sobre a escritura freudiana; buscar os traços e os rastros da pulsão que arruína o próprio princípio do arquivo, a pulsão que Freud batizou com três nomes: pulsão de morte, pulsão de destruição e pulsão agressiva. Não se trata aqui de tentar avaliar o peso deste conceito na obra de Freud, nem tampouco de discorrer sobre seus múltiplos rostos. Apenas pontuar que a pulsão de morte, tal qual Derrida a lê em *Mal de arquivo*, indica que, em sua vocação silenciosa, trata-se de uma pulsão que tende a arruinar qualquer capitalização de memória, preconceitos e pressupostos de um texto, para paradoxalmente apreender através de suas categorias uma outra leitura, submetida ao princípio criador de criação contínua da vida.

E assim resta dizer a Jacques Derrida, o amigo da psicanálise, adeus.

Referências

Blanchot, M. *L'ntretien infini*. Paris: Gallimard, 1968.

Derrida, J. *Espectros de Marx*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

_____ *Paixões*. Campinas: Papirus, 1995.

_____ *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

_____ *Adeus a Emmanuel Lévinas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

Duhá Lose, A. (2004). Arquivo: a morada da censura. www.inventario.ufba.br/02.

Freud, S. (1925). Presentacion autobiografica. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 1976. v. XX.

Fuks, B. B. *Freud e a judeidade, a vocação do exílio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

Haddock Lobo, R. O adeus da desconstrução: alteridade, rastro e acolhimento. In: Duque Estrada, Paulo César (org.). *As margens, a propósito de Derrida*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2002.

Lévinas, E. *Quatre lectures talmudiques*. Paris: Minuit, 1968.

Yerushalmi, Y.H. *O Moisés de Freud, judaísmo terminável e interminável*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

Artigo recebido em novembro de 2004
Aprovado para publicação em janeiro de 2005